

Tanstaafi

O título, que mais parece uma palavra em Copom-javanês, é o acrônimo de “There Ain’t No Such a Thing as a Free Lunch”, que, por sua vez, significa “não existe almoço grátis”. Alguém sempre paga. A frase foi popularizada pelo escritor de ficção científica Robert A. Heinlein em sua novela de 1966 intitulada *The Moon is a Harsh Mistress* (A Lua é uma Amante Exigente). O pano de fundo da obra eram os vultosos gastos que o governo norte-americano fazia para chegar à lua antes dos russos. Só que a grandeza da façanha ofuscava as colossais despesas.

Essa alegoria foi utilizada por alguns economistas, certamente sem filhos em idade para o serviço militar, que de maneira ardilosa e cruel lembravam aos jovens compatriotas que se recusavam a lutar no Vietnã que gozar das vantagens de ser norte-americano tinha um custo.

No Brasil, a primeira reação de alguns governantes diante dessa incômoda lembrança é a seguinte pergunta: e a janta? Embora a realidade ensine que as três refeições estão incluídas na definição, dirigentes ainda se espantam quando a conta é apresentada. Caso típico: o apagão aéreo. Depois de cinco anos de superávits primários “pererecando” entre 3,5% e 4,5% do PIB, conseguidos graças ao sacrifício dos investimentos, e ao desleixo com a manutenção, a infra-estrutura ficou em frangalhos.



Paulo H. Sandroni
FGV-EAESP

O caso do tráfego aéreo alcançou o limiar do caos e o ultrapassou: vôos atrasados e cancelados, pessoas enfurecidas, aeroportos congestionados e os controladores (já em fadiga crônica) levados à completa exaustão. O jogo de empurra das responsabilidades se entrelaçou com explicações cada vez mais opacas e tenebrosas, lembrando o que disse certa vez um sociólogo inglês a respeito do ato físico do amor: quanto maior o esforço pior o desempenho. Até a imprensa foi colocada no rol dos suspeitos...

Lá pelas tantas, alguém afirmou (não tendo sido desmentido) que as autoridades, alertadas há tempos da crise que se avizinhava, não tomaram as devidas providências. O apagão das estradas no final de 2005 e início de 2006 (previsível até pelo recorde de vendas de amortecedores) foi “solucionado” com uma operação emergencial tapa-buracos que durou até as primeiras chuvas e as últimas eleições. Depois tudo voltou “ao normal”.

Ao mesmo tempo o governo anuncia que quer um crescimento do PIB de 5% em 2007. É bom lembrar que o apagão de 2001 fez com que o PIB daquele ano retrocedesse 1,5%.

Os romanos diziam que generais vitoriosos não contavam seus mortos. No Brasil, nem depois da enésima derrota.